

Globethics Repository

The logo for Globethics, featuring the word "Globethics" in white sans-serif font on a blue rectangular background.

O salto qualitativo de João XXIII [The qualitative leap of John XXIII]

This page was generated automatically upon download from the Globethics Repository.
More information on Globethics see <https://www.globethics.net>. Data and content policy of Globethics Repository see <https://repository.globethics.net/pages/policy>.

Item Type	Article
Authors	Sbardelotto, Moisés
Publisher	Instituto Humanitas Unisinos - IHU
Rights	With permission of the license/copyright holder
Download date	2026-07-15 00:28:54
Link to Item	http://hdl.handle.net/20.500.12424/160000

“A vocação humana é
constituir-se pelo bom
uso da liberdade, é
apropriar-se eticamente
do bem”

com o sagrado da ação “secular” dos leigos. Em João 3,16, lemos que Deus envia seu Filho ao mundo para salvá-lo. Nesse envio, o Filho aparece na história reunindo uma comunidade de discípulos-missionários. A Igreja não é o término da ação do Pai, mas sim o mundo. A Igreja é colaboradora com o Filho para a salvação do mundo. Assim, a Igreja se torna servidora do Reino de Deus, centro do anúncio de Jesus com seus discípulos.

A Doutrina social da Igreja é uma autêntica teologia da ação sagrada do laicato, ao trabalhar sobre as estruturas sociais da economia, da política e da cultura, em todas as profissões dedicadas à saúde, à educação integral da pessoa em sociedade, aos serviços para a estabilidade familiar e a muitos campos de ação semelhantes. Essa sacralidade é consciente na mente dos que creem, embora seja ignorada pelos não crentes. O juízo definitivo de salvação não recai na consciência explícita do conhecimento, mas sim na prática consciente da caridade com seres humanos sem recursos, aos quais se dão em doação os recursos próprios para as necessidades elementares da vida. A história humana não é o único espaço para o acesso ao conhecimento da salvação, mas o é, sim, para as obras de solidariedade e caridade. O juízo sobre a vida humana vai recair sobre o uso solidário ou não dos bens deste mundo perante as necessidades dos próximos. Assim se cumprirá a frase de Mateus 25,34: “Vinde, benditos de meu Pai, tomai posse do Reino que vos está preparado desde a criação do mundo, porque tive fome...”⁸.

⁸ O trecho continua: “... e me destes de comer; tive sede e me destes de beber; era peregrino e me acolhestes; nu e me vestistes; enfermo e me visitastes; estava na prisão e viestes a mim” (Nota da IHU On-Line).

O salto qualitativo de João XXIII: uma síntese da ética social

Segundo o frei dominicano Carlos Josaphat, na encíclica *Mater et Magistra*, João XXIII oferece aos fiéis e a todos os cidadãos uma mensagem grandemente original e com rara felicidade: uma síntese de ética social, essencialmente humana, elevada e movida por um notável elã evangélico

POR MOISÉS SBARDELOTTO

Em sua atitude de uma “fidelidade dinâmica”, João XXIII dá um salto qualitativo na encíclica *Mater et Magistra*, publicada há 50 anos. Para o frei dominicano Carlos Josaphat, lúcida e corajosamente, o então pontífice mostra que “o verdadeiro progresso do pensamento e da ação se manifesta no estudo cuidadoso do passado, na análise das aspirações e dos desafios do presente, no empenho de renovar o que se afirmou como válido e de inovar criando novas formas autênticas de vida pessoal e social”. Por isso, afirma, em entrevista por e-mail à IHU On-Line, a *Mater et Magistra* “propõe uma rede bem tecida de valores de uma ética social em toda a sua universalidade”.

Mineiro de Abaeté, o dominicano Frei Carlos Josaphat, jornalista, teólogo, professor, escritor, entre outras atividades, tornou-se conhecido por suas posições no campo social, em São Paulo, nos anos 1960. Em 1962, fundou o jornal Brasil Urgente. Escreveu então um livro-manifesto: *Evangelho e Revolução Social* (Ed. Loyola, 1962). Por ocasião do golpe militar de 1964, foi “convidado” a deixar o Brasil. Doutou-se em Teologia, com uma tese sobre Ética da Comunicação Social, orientada pelo Pe. Chenu e prefaciada por Hubert Beuve-Mery, diretor do Jornal *Le Monde*. Foi professor na Universidade de Friburgo, Suíça, durante 27 anos, da qual hoje é professor emérito. Nessa mesma universidade, fundou e dirigiu a coleção Estudos de Ética Cristã, com mais de 60 volumes publicados desde 1977.

É professor da Escola Dominicana de Teologia - EDT, de São Paulo, desde 1994, do Instituto Teológico de São Paulo - Itesp, da Pontifícia Universidade de São Paulo e da Pontifícia Universidade de Minas Gerais, dentre outras. Além de diversas obras publicadas na Europa, é autor de inúmeras obras no Brasil, das quais destacamos as mais recentes, como *Evangelho e Revolução Social* (Ed. Loyola, 2002, reedição de aniversário dos 40 anos da obra), *Evangelho e Diálogo Inter-religioso* (Ed. Loyola, 2003), *Falar de Deus e com Deus hoje* (Ed. Paulus, 2004), *Ética e Mídia: Liberdade, Responsabilidade e Sistema* (Ed. Paulinas, 2006), *Frei Bartolomeu de Las Casas, Espiritualidade contemplativa e militante* (Ed. Paulinas, 2008) e *Ética Mundial: Esperança da Humanidade Globalizada* (Ed. Vozes, 2010). Confira a entrevista.

IHU On-Line - Aos 50 anos da publicação da encíclica de João XXIII sobre a questão social, *Mater et Magistra*, que aspectos o senhor destacaria do documento e a quais fatos históricos daquele período eles se dirigem?

Carlos Josaphat - A encíclica *Mater et Magistra* visa assumir, valorizar e atualizar a doutrina social da Igreja, comemorando o 70º aniversário da *Rerum novarum* e evocando as comemorações dessa encíclica de Leão XIII efetuadas por Pio XI e Pio XII. Toda uma primeira parte insiste em mostrar a continuidade e o caráter progressivo desse ensinamento social de inspiração evangélica e sempre atento à evolução histórica, social e cultural da humanidade.

Dentro dessa atitude de uma fidelidade dinâmica, João XXIII dá um salto qualitativo, oferecendo aos fiéis e mesmo a todos os cidadãos uma mensagem grandemente original. Ele mesmo insinua essa atitude lúcida e corajosa. O verdadeiro progresso do pensamento e da ação se manifesta no estudo cuidadoso do passado, na análise das aspirações e dos desafios do presente, no empenho de renovar o que se afirmou como válido e de inovar criando novas formas autênticas de vida pessoal e social. A *Mater et Magistra* pretende oferecer e com rara felicidade oferece uma síntese de ética social, essencialmente humana, elevada e movida por um notável elã evangélico. Ela aborda o conjunto das questões sociais, sob o ângulo da realidade do mundo moderno, analisando essa realidade de maneira mais precisa do que os documentos eclesiais anteriores. E, por outro lado, elabora os valores éticos, condensados, em sua última parte, na trilogia da “verdade, da justiça e do amor”, em contraste com as “ideologias truncadas e errôneas” que tentam estorvá-las ou pervertê-las.

IHU On-Line - O texto da *Mater et Magistra* é pontilhado por expressões como subsidiariedade, justiça, equidade, bem comum, convivência. Que moral política, econômica e social é proposta por João XXIII? Como suas ideias podem nos inspirar diante das desigualdades sociais do contexto contemporâneo?

Carlos Josaphat - A mensagem da *Mater et Magistra* propõe uma rede bem tecida de valores de uma ética social em toda a sua universalidade, abrangendo as instâncias, as camadas e os setores da vida econômica, política, cultural, visando a exatidão e a prática operacional, eficaz desses valores. Os grandes princípios fundadores da dignidade da pessoa humana e do primado do bem comum se desdobram nas atitudes de uma convivência regulada pela justiça, pela solidariedade e pela responsabilidade. A equidade vem como coroamento da justiça, impelindo-a a não se contentar com os direitos estritos a dar a cada um, mas ajuntando a delicada atenção a ir mais longe do que o estritamente devido, mas que é conveniente para valorizar

“A *Mater et Magistra* pretende oferecer e com rara felicidade oferece uma síntese de ética social, essencialmente humana, elevada e movida por um notável elã evangélico”

as pessoas e aprimorar a sociedade. O que dará à convivência um suplemento de tranquilidade e de paz. Igualmente, o apelo à subsidiariedade visa bem esclarecer a noção e o exercício do poder. Assim se traduz o empenho de evitar a concentração de poder, inserir a partilha responsável da autoridade e da responsabilidade, de maneira todos os cidadãos e todos os patamares da sociedade sejam bem integrados na prática da responsabilidade, o que desperta maior interesse pelo bem comum para o bem de cada um e de toda a coletividade. Essa é uma das características da mensagem social cristão, objeto de uma constante insistência da Igreja.

A globalização econômica e comunicacional dos últimos anos vem

acentuar a oportunidade desse ensinamento social. A globalização não pode acarretar a concentração do poderio econômico e comunicacional. Ela é uma triste monstruosidade de uma tirania tecnológica. A *Mater et Magistra* aponta para esse fenômeno da globalização, que João XXIII descortinava como creste já nos anos 1960 (cf. n.47s). Daí as indicações insistentes sobre a necessidade de conciliar a iniciativa pessoal em sintonia com o desenvolvimento de um governo eficaz e razoavelmente planejado (n. 53s).

IHU On-Line - Chegando ao Brasil, quais foram as repercussões da encíclica nos contextos político, econômico, eclesial e social de então?

Carlos Josaphat - Nem sempre se faz atenção à boa repercussão da Doutrina Social da Igreja na vida social e mesmo nas instituições políticas de nosso país. Assim, todo o belo tecido de nossas Constituições remonta ao trabalho dos católicos que, sob a liderança de Alceu Amoroso Lima, por movimento democrático, levaram o Congresso a adotar o essencial da mensagem da encíclica *Quadragesimo Anno* da nossa Constituição de 1934. A *Mater et Magistra* teve uma repercussão e influência enorme em nosso país. Foi acolhida com entusiasmo, foi estudada com carinho e de maneira profunda. Inspirou ou incentivou movimentos de trabalhadores no campo da indústria e da agricultura. De modo especial, comemoramos esse facho de luz e de energia que foi a *Mater et Magistra*, suscitando uma ampla militância democrática e social. Pessoalmente senti-me apaixonado por essa encíclica tão bem elaborada e realista em sua visão e nos programas que sugeria. Ela foi a grande inspiradora do movimento social de operários, estudantes e boa parte de nosso povo, clamando a necessidade de promover “todos os direitos para todos”, de que o jornal alternativo *Brasil Urgente* foi a voz calorosa antes do golpe de 1964.

IHU On-Line - Diz o papa que o ser humano é “o fim e o sujeito de todas as instituições” da vida social e por isso possui uma “dignidade sagrada”. É nesse princípio, segundo João XXIII,

que se baseia a “doutrina social” da Igreja (n.218-219). Como esse princípio dialoga com a sociedade contemporânea? É possível sustentá-lo hoje, moralmente, diante dos desafios ecológicos?

Carlos Josaphat - O papa evoca e põe em destaque este princípio: o ser humano é o fim e o sujeito de todas as instituições, sendo dotado de uma dignidade sagrada, isto é, inviolável. De fato, esse personalismo integral e solidário é o fundamento de toda ética social, e de maneira muito especial, da doutrina social da Igreja. Está aí o princípio da maior oportunidade, quando se considera a sociedade contemporânea, marcada e orientada por um utilitarismo individual e coletivo. Ela é dominada pelo primado das coisas, das mercadorias e da satisfação em possuir cada vez mais. É o famoso e danoso primado do ter, do aparecer, do dominar, sobre o ser, particularmente sobre o ser humano, que não tem preço, mas é o valor e o critério para apreciar todas as utilidades.

Pode-se reconhecer, nesse enunciado simples, uma das originalidades da doutrina social da Igreja, bem como a maior dificuldade que ela encontra para ser viável no mundo de hoje. O que significa que a sociedade se vê desviada não tanto por umas práticas de imoralidade, mas por uma falta absoluta de sentido ético. A missão da Igreja será não de pretender impor de qualquer forma um código de preceitos ou interditos, mas, sim, de empenhar-se primeiramente em despertar e educar o sentido ético, sobretudo, no campo social.

IHU On-Line - Para a concretização dos “princípios e as diretrizes sociais”, João XXIII propõe um “método”: ver, julgar e agir (n.235). Como se desdobra esse método? Ele ainda mantém sua atualidade na sociedade de hoje?

Carlos Josaphat - De fato, nesta síntese tão simples e sucinta “ver, julgar e agir”, o papa condensou essa dupla dimensão da ética: de formular a escala de valores e de propor um método que torne eficazes esses valores. A trilogia do ver, julgar e agir faz a junção do princípio do ideal e do princípio da

realidade. Justamente, um dos riscos da Doutrina Social da Igreja é de permanecer em uma universalidade abstrata, em um enunciado de princípios gerais, intemporais, fora de qualquer contexto. Assim se privilegia o julgar, multiplicando-se as condenações lançadas sobre a sociedade, sem analisá-la e sem discernir a estratégia adequada para orientá-la para o bem comum. Portanto, não se trata apenas de um método útil, mas necessário e urgente, dada a complexidade do mundo moderno.

Esse método foi em boa hora utilizado pelas Conferências Gerais do Conselho Episcopal Latino-Americano

“Nem sempre se faz atenção à boa repercussão da doutrina social da Igreja na vida social e mesmo nas instituições políticas de nosso país”

- Celam, desde Medellín, em 1968. É curioso que um dos grandes missionários da América Latina, Frei Bartolomeu de las Casas¹, já tinha encontrado e praticado um método semelhante, sintetizado em duas atitudes ou dois pontos: juntar “*El hecho con el Derecho*”. O que significa associar a análise da realidade (*el hecho*) e o discernimento dos valores para aplicá-los com justiça e justeza na situação bem apreciada (*el Derecho*). Sem dúvida, nessa busca da autenticidade, da qualidade do agir, e de uma estratégia verdadeiramente eficaz, está a essên-

¹ Frei Bartolomeu de las Casas (1474-1566): frade dominicano, cronista, teólogo, bispo de Chiapas, no México. Foi grande defensor dos índios, considerado o primeiro sacerdote ordenado na América. Sobre ele, confira a obra de Gustavo Gutiérrez, *O pensamento de Bartolomeu de Las Casas* (São Paulo: Paulus, 1992). Leia a entrevista Bartolomeu de Las Casas, primeiro teólogo e filósofo da libertação, concedida pelo filósofo italiano Giuseppe Tosi à IHU On-Line 342, de 06-09-2010, disponível em <http://bit.ly/9EU0GO>. (Nota da IHU On-Line)

cia da ética, particularmente da ética de inspiração evangélica.

IHU On-Line - A *Mater et Magistra* fundamenta-se em encíclicas anteriores (*Rerum Novarum* e *Quadragesimo Anno*) e também serve de fundamento para textos posteriores (*Pacem in Terris* e *Gaudium et Spes*). Como o senhor analisa, em traços gerais, as questões levantadas por esses documentos oficiais da Igreja e suas interconexões sobre a questão social?

Carlos Josaphat - Verifica-se, primeiramente, que há uma intenção constante e profunda, nesse ensinamento. Ele visa apresentar a doutrina em seus princípios e suas normas, para, depois, inseri-la, na história e o relacioná-la com as situações e condições da humanidade, nas diferentes etapas de seu desenvolvimento. Diríamos: cumpre proclamar o Evangelho em toda sua força hoje, sabendo distinguir o que é primordial na mensagem cristã e o que é mais necessário nos tempos atuais. Por isso, pode-se afirmar: o grande valor, a força renovadora da Doutrina Social da Igreja está nesta aliança das exigências do amor evangélico, mais a inteligência bem aplicada em compreender a humanidade em marcha. Uma atenção especial merecem as grandes viradas históricas, os períodos de aceleração das mudanças nos costumes, nas mentalidades, na cultura, na ciência e na técnica.

IHU On-Line - Aproveitando o aniversário da *Mater et Magistra* e os 130 anos de nascimento de João XXIII, que avaliação o senhor faz da sua figura na história da Igreja? Qual o significado do seu papado e que legado ele nos deixou?

Carlos Josaphat - As encíclicas citadas mostram logo de início um grande empenho de manter essa lei básica da sabedoria ética: bem sintetizar o que já foi ensinado até hoje, para bem escolher o que deve ser ensinado agora. A publicação recente de um *Compêndio da Doutrina Social da Igreja* (pelo Pontifício Conselho de Justiça e Paz) coloca em plena luz as raízes evangélicas dessa doutrina, sua plena conexão com as verdades fundadoras da Criação e

da Redenção, bem como o empenho de realizar, de maneira constante e concreta, o Reino de Deus, anunciado e inaugurado por Cristo. Em uma fórmula muito feliz se introduz esse ensinamento como “um humanismo integral e solidário”. Este enunciado que faz a conjunção de Jacques Maritain e Emanuel Mounier manifesta o empenho de salvaguardar o que há de positivo nos valores e nas aspirações da modernidade, colocando-os em sintonia com o espírito e os valores evangélicos. Esse empenho torna cada vez mais atual a posição da Igreja sobre a questão social, tão complexa, tão movediça e à primeira vista tão enigmática.

O curto pontificado de João XXIII, um pouco menos de um quinquênio, resplandece como um dos grandes momentos da história da Igreja e da Humanidade. O lema desse papa sempre foi *obedientia et pax* (“obediência e paz”). O que significa a busca da maior perfeição e felicidade para todos - “A paz; em aliança com o esvaziamento de si, a conformidade do próprio querer com os planos da vontade divina - “obediência”. Na prática, daí resulta uma vida humilde, escondida, mas voltada para o que há de mais alto, de mais digno e de mais proveitoso para a Igreja e a Humanidade. João XXIII nada teve de autoritário. Sua preocupação foi, antes, ouvir, dar a palavra à Igreja. Tinha a convicção de que a verdadeira sabedoria de um pontífice não está tanto em falar, mas em fazer falar a Igreja. Foi audacioso, foi inovador, mas precisamente levando a Igreja a progredir, aceitando em um primeiro tempo, uma pluralidade de posições e atitudes. Pois confiava na eficácia do encontro, do diálogo, do conhecimento mútuo, o que leva os seres humanos, principalmente os cristãos, a se conhecer, a descobrir que somos uma caravana que há de marchar rumo à Verdade e ao Bem na força do Amor. Ele teve fé em Deus, em Cristo, no Evangelho, e também acreditou no ser humano. O pontificado de João XXIII evoca para nós aqueles papas que mereceram o nome de grandes, Leão Magno², Gre-

² Papa Leão I (São Leão Magno ou Magno, o Grande): papa de 29 de setembro de 440 até

“Amar a Igreja tal qual ela aí está e tudo fazer para que ela seja ‘a esposa sem ruga nem mancha’: é o jeito certo de contemplar a Misericórdia divina no Evangelho e na Comunidade evangélica”

gório Magno³. E ousaria dizer que ele não perece no confronto com esses eminentes servidores de Cristo e da Igreja.

IHU On-Line - O último documento pontifício que aborda as questões sociais é a recente encíclica *Caritas in Veritate* (2009), de Bento XVI. Ao longo do tempo, que pontos foram corrigidos, aprofundados e ultrapassados? Que outras questões ainda merecem ser analisadas pela Igreja?
Carlos Josaphat - A Doutrina Social da Igreja vai emergindo e resplandecendo no decorrer da história como um grande fato cultural, como uma contribuição da Igreja à marcha da humanidade em busca de autenticidade e de convivência harmoniosa. A própria Igreja reconhece que há um progresso em suas posições doutrinárias e opções práticas no campo da política e da vida social em geral. A Doutrina Social só se tornou possível quando a Igreja foi libertada do poder temporal, que quase a identificava com os outros poderes do mundo. O Sumo Pontífice se irmanava aos chefes temporais quando se tratava de preservar ou defender os

10 de novembro de 461. É um Doutor da Igreja e um dos Padres latinos. É conhecido por ter convencido Átila, o Huno em Roma, em 452, a voltar atrás de sua invasão da Europa Ocidental. (Nota da IHU On-Line)

³ São Gregório I, OSB (540-604): papa de 3-09-590 até o ano de sua morte. Era monge beneditino e um dos Doutores da Igreja. Foi chamado pelo povo de Magno, ou Gregório, o Grande sendo celebrado como santo pela Igreja Católica. (Nota da IHU On-Line)

Estados pontifícios. Leão XIII pôde inaugurar uma apreciação positiva do mundo moderno, quando a Igreja conseguiu se desfazer de seus interesses temporais e, assim, julgar com serenidade as questões intrincadas do mundo moderno. O ponto essencial dessa libertação da Igreja está na compreensão do poder, não como dominação, mas como serviço. Tal é, sem dúvida, a maior insistência de Cristo no Evangelho, quando funda a Igreja e lhe confia a missão de levar a toda terra a mensagem e a graça da salvação.

Essa libertação inaugurada no pontificado de Leão XIII atinge o seu apogeu no Concílio Vaticano II, especialmente na Constituição *Gaudium et Spes*. Acreditamos hoje que o futuro da Igreja e a eficácia na sua missão de evangelizar e de promover uma civilização do amor, tudo isso depende da sua opção eficaz por uma verdadeira colegialidade, em todas as instâncias da vida e da organização eclesial. Aquela atitude de João XXIII, de ser humilde no exercício do supremo pontificado e de acreditar no valor da Igreja como comunidade de fiéis, de bispos, de diferentes ministérios, particularmente dos teólogos, está aí o caminho da esperança para a Comunidade de Cristo, e para a humanidade à qual ela é enviada.

IHU On-Line - Deseja acrescentar algo?

Carlos Josaphat - Ajuntarei uma simples confiança. Ao ser revestido da missão e da graça do ministério sacerdotal, há 66 anos, tomei como lema: “Amou a Igreja e por ela se entregou”. Entendia eu que o sujeito do amar e de se entregar vem a ser, primeiro, o Senhor, e depois o servo envolvido por Ele. Amar a Igreja tal qual ela aí está e tudo fazer para que ela seja “a esposa sem ruga nem mancha”, “o sacramento da reconciliação universal”. É o jeito certo de contemplar a Misericórdia divina no Evangelho e na Comunidade evangélica, ontem, hoje a manhã, empenhada em anunciar o Reino dos céus e ajudar a construir a civilização do amor.